

A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa

Luciano Bedin da Costa

Psicólogo, Doutor em Educação e Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. É coordenador do Grupo Políticas do Texto e pesquisador de temáticas relacionadas à cartografia, escrita e infâncias. bedin.costa@gmail.com

Cartography seems to be more of an ethics than a research methodology

Resumo: Redigido a partir de uma fala para o evento *Deleuze: modos de usar* (2020), este ensaio se sustenta a partir da intuição de que a cartografia, tal qual é verificada na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, mostra-se mais como uma ética e uma política do que uma metodologia de pesquisa propriamente dita. Para isso, toma como campo de análise fragmentos de livros publicados no final dos anos 1970 e início de 1980, em especial *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* e *Diálogos*, período em que a cartografia aparece pela primeira vez nas obras dos respectivos autores. Embora pesquisadoras e pesquisadores, especialmente no Brasil, tenham assumido a cartografia como um método de investigação, o que se lê em Deleuze e Guattari é uma série de apontamentos em prol do que poderíamos chamar de uma ética cartográfica, aqui sustentada como um lugar de partida, e não de chegada. O ensaio encerra com um poema coletivo produzido pela(o)s participantes do referido evento, finalizando com uma assertiva que sintetiza o que parece ser o movimento de tal ética: “cartografar é alçar voo”.

Palavras-chave: Cartografia; Metodologia; Ética.

Abstract: Written from a speech for the event *Deleuze: ways to use* (2020), this essay is based on the intuition that cartography, as ascertained in the works of Gilles Deleuze and Félix Guattari, shows itself more as an ethics and a policy than a research methodology itself. To this end it takes, as an analytical field, some fragments of books published in the late 1970s and early 1980s, especially *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia* and *Dialogues*, the period when cartography first appears in the works of these respective authors. Although researchers, mainly in Brazil, have taken cartography as a method of investigation, what is really read in the works of Deleuze and Guattari are various notes defending what we could call a cartographical ethics, here in this article supported as a starting place instead of a finishing line. The essay ends with a collective poem, produced by the participants of that event, ending with an assertion that synthesizes what seems to be the movement of such ethics: “cartography is a taking flight”.

Keywords: Cartography; Methodology; Ethics.

Em memória de Sandra Corazza e Tania Galli, que tanto me falaram de cartografia. A primeira, com desconfiança, a segunda, com amor.

Para iniciar uma conversa

Em 26 de agosto de 2020, em meio ao ano que seguramente estará inscrito como um dos mais inacreditáveis de nossa história, tive a oportunidade de ministrar uma aula remota no curso *Deleuze: Modos de Usar*, promovido pelo Laboratório de Arte e Psicologia Social - LAPSO, vinculado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Esta aula, intitulada *Deleuze e a Cartografia*, teve mediação do amigo e professor Édio Raniere e a participação de pessoas dos mais distintos lugares e com diferentes áreas de interesse¹. O convite para a escrita deste ensaio surgiu como uma tentativa de organizar alguns pontos apresentados em minha fala, contribuindo em uma discussão que me parece fundamental em se tratando da cartografia. Em um primeiro momento trarei minha relação com a cartografia, apresentando algumas condições do seu surgimento na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, assim como sua receptividade

[1] O vídeo para esta aula está disponível em: <https://www.facebook.com/Deleuze-Modos-de-Usar-101019808325084/videos/deleuze-e-a-cartografia-prof-dr-luciano-bedin/1213882688967107/>

no contexto brasileiro. Posteriormente farei uma problematização em torno da provocação “A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa”, a qual dá título a este ensaio. Quando digo provocação, trata-se mesmo disto, uma vez que esta é uma questão que me acompanha há anos, e que só através do evento e do convite para escrita neste dossiê é que se tornou formalmente estruturada. Este ensaio finaliza com a apresentação de um poema coletivo produzido ao longo de minha aula, organizado por Vitória Oliveira Bastos e Renata Azevedo Peres, graduandas e integrantes do LAPSO.

Há uns anos atrás tive a oportunidade de publicar o ensaio *Cartografia: uma outra forma de pesquisar* (COSTA, 2014), numa tentativa de oferecer às pesquisadoras e pesquisadores iniciantes um material introdutório que pudesse servir como uma porta de entrada cartográfica. Embora publicado em 2014, boa parte do seu conteúdo fora produzido em 2010, quando trabalhava em um curso de psicologia vinculado a uma instituição privada de ensino superior, ministrando uma disciplina voltada a metodologias inventivas de pesquisa. A proposta da disciplina era ampliar o repertório metodológico da(o)s estudantes, de modo que pudessem se sentir mais amparada(o)s em suas práticas, estágios e monografias. Percebíamos, enquanto docentes, que as disciplinas básicas de metodologia de pesquisa, oferecidas a estudantes de vários cursos da instituição, não subsidiavam de modo satisfatório a(o)s estudantes de psicologia, pois pareciam estar quase que totalmente voltadas ao domínio das formas - do como fazer -, relegando a um segundo ou terceiro plano o regime das sensibilidades e das forças. As habituais distinções contidas nos capítulos iniciais de qualquer manual de metodologia, tais como pesquisa qualitativa versus quantitativa, pesquisa de exploração

teórica versus experimental, pesquisa-ação versus pesquisa-participante, pareciam não fazer muito sentido quando a(o)s discentes eram confrontada(o)s à experiência viva e movente do campo. Quando, por exemplo, precisavam produzir um projeto de intervenção para alguma outra disciplina, perguntas do tipo “que metodologia devo escolher?” eram constantemente enunciadas. A sensação que tinha, e que compartilhava com as turmas, era a de que parecíamos estar diante de um restaurante a quilo, perguntando ao atendente (professor) qual a comida (método) que se encontrava à frente, cuidando para que não ficasse muito pesada e onerosa. Esta imagem gastronômica me parece ainda muito útil quando nos referimos às metodologias de pesquisa, como se estivessem dispostas em um balcão ou cardápio, prontamente acessíveis a quem queira delas desfrutar. O problema que esta imagem de pensamento traz está relacionado aos critérios para utilização de uma ou outra metodologia, uma vez que não se trata - e esta é a tese deste ensaio - de uma simples escolha e tampouco de um uso. Determinadas práticas investigativas, como a cartografia, colocam-nos enquanto pesquisadora(e)s diante de algumas condições que extravasam o campo dos protocolos e procedimentos, uma vez que nos convocam não só a pensar ou agir sobre determinado campo, mas a vivenciá-lo em suas múltiplas dimensões, num movimento ético de porosidade e composição. É este o argumento que sustentarei ao longo desta escrita, amparado nas ideias apresentadas pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari ao longo dos livros *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1980) e *Diálogos* (1977), publicações que trouxeram pela primeira vez a temática da cartografia em suas obras conjuntas e individuais.

Uma ética deleuzeguattariana?

Há uns anos atrás, quando ainda era estudante de psicologia, lembro de ter assistido a uma entrevista de Georges Lapassade, onde era questionado sobre os pressupostos para um sujeito ser um analista institucional, ao que respondia dizendo que, antes de buscar a ferramentas instrumentais, era necessário que o aspirante a analista compreendesse como ele mesmo vê e percebe o mundo e as instituições, uma reflexão de cunho ético, e não necessariamente técnico. Trata-se de uma posição ética porque coloca em questão o próprio sujeito operador de uma intervenção, na medida em que ele também se assume enquanto uma instituição a ser analisada. “Façamos a análise de nossas próprias instituições!”, costumava dizer Lapassade (apud HESS, 2008, p. 250) em seus múltiplos espaços de formação, espécie de ritornelo que me parece muito adequado em se tratando de uma investigação cartográfica. Parafraseando Lapassade, diria que, ao traçarmos uma cartografia - não importando o território onde esteja inserida - tratemos de cartografar também nossas próprias instituições, lançando questões a nós mesma(o)s e aos espaços com os quais compomos nossos desejos e anseios investigativos. Quando Deleuze e Guattari escrevem que cartografamos em prol das linhas de fuga, é necessário pensarmos no quanto estamos eticamente dispostos a experimentar e a suportar o mundo em sua imprevisibilidade e variação. A ética a que me refiro não diz respeito aos códigos de ética que norteiam determinadas práticas profissionais, uma vez que estes, embora importantes, situam-se no domínio dos deveres, e não necessariamente dos devires, que é onde as linhas de fuga se fazem potencialmente mais presentes. Embora não haja consenso sobre o que seria uma ética no pensamento deleuzeguattariano, podemos fazer alusões à mesma a partir da leitura que ele faz de Nietzsche e Spinoza. Neste sentido, se faz necessária a distinção entre a ética e

moral; a primeira dizendo respeito a práticas de liberdade, a segunda ligada a relações de obediência. A ética distancia-se, pois, da ideia de um *ethos* enquanto “morada do ser”, lugar *a priori* a ser ocupado pelos sujeitos ditos “éticos”. Neste sentido, parto das ideias apresentadas por Barbosa (2018, p.879), quando aproxima a ética à política, situando-as a movimentos de experimentação, conhecimento e avaliação das forças que se fazem na relação que estabelecemos com e no mundo. Em *O ritornelo em Deleuze e Guattari e as três éticas possíveis*, artigo que escrevi em 2006, trago algumas características acerca do que poderia ser uma ética deleuzeguattariana, especulações que me parecem interessantes de serem compartilhadas para que possamos avançar no tema.

Dentro desta perspectiva, a ética passa a ser a própria experimentação criativa, o uso, a prática, a pragmática propriamente dita. O *ethos* não é mais a morada segura e imutável - talvez haja mesmo a morada, uma ética como casa, mas são os próprios filósofos que nos advertem, em *O que é a Filosofia?* (1992), que a casa só existe mesmo para ser abandonada. A ética, portanto, comporta a própria experimentação do abandono, daquilo que tensiona a fuga, fazendo da filosofia uma pragmática de dispersão contínua. (COSTA, 2006, p.1).

Encerro esta seção grifando alguns pontos sobre a dimensão ético-política, uma vez que retornará na seção final para sustentar a tese de que a cartografia parece ser mais uma ética do que uma metodologia. Em síntese, podemos dizer que ética: 1) não é algo dado *a priori*, e não deve ser confundido com valores, normas, códigos ou moral; 2) envolve-se com práticas de liberdade, das possibilidades de relação com e no mundo; 3) não é um lugar de chegada a ser ocupado (*ethos* enquanto morada do ser), mas uma disposição ao abandono (*ethos* enquanto movimento de partida).

[2] A versão brasileira de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* foi publicada pela Editora 34 em cinco volumes, o que não aconteceu na edição francesa original, publicada em um único volume.

[3] Para este ensaio resolvi não mencionar as aparições e o uso que Guattari faz da cartografia em suas obras individuais e coletivas. Em *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise* (1979/1988), *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo* (1981/1987), *Micropolíticas: cartografias do desejo* (com Suely Rolnik, 1986), *Cartografias Esquizoanalíticas* (1989), *As três ecologias* (1989/2011) e *Caosmose: um novo paradigma estético* (1992), Guattari faz

A cartografia na obra de Deleuze e Guattari

A cartografia aparece explicitamente na obra de Deleuze e Guattari em 1977, quando publicam *Rizoma*, que acabou se tornando o texto inaugural do livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, publicado em 1980 na França e em 1995 no Brasil². Neste mesmo ano, Deleuze publica *Diálogos*, em parceria com Claire Parnet, livro em que a cartografia se mostra bastante presente, ampliando algumas ideias contidas em *Rizoma*. O interessante é que o termo aparece em suas obras justamente em 1977, ano para o qual, na biografia de Deleuze e Guattari assinada por François Dosse, é dedicado um capítulo inteiro, intitulado *1977: o ano de todos os combates* (2010; p. 299-309). Este foi um ano de muitos ataques aos dois filósofos, muito em função das repercussões de *O anti-Édipo*, publicado em 1972, pela leitura singular feita à psicanálise e ao marxismo vigentes em quase todo o pensamento francês da época. Em *Diálogos* o termo cartografia aparece oito vezes: uma no capítulo *Da superioridade da literatura anglo-americana* (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 49); cinco no capítulo *Psicanálise morta-análise* (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 97; 125; 29; 133; 136); duas no capítulo *Políticas* (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 146; 149). Em *Mil Platôs* a palavra cartografia aparece seis vezes: cinco aparições no platô 1. *Introdução: Rizoma* (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.12; p. 21; p.22; p.23; p.30), e uma aparição no platô 8. *1874 - Três novelas ou “o que se passou?”* (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.76-77). De acordo com Dosse (2010, p. 218), embora tenha sido Guattari a apresentar a ideia de cartografia, com a parceria de Deleuze é que ganhou um corpo filosófico mais consistente, ressoando em suas obras individuais e coletivas. A experiência de Guattari em *La Borde*⁴ e o respectivo contato com o trabalho de Fernand Deligny⁵ foram decisivos na forma como a cartografia foi posicionada no pensamento dos filósofos em um paradigma ético, estético e político. Sobre a presença de Deligny

na obra de Deleuze e Guattari, gosto muito do que o companheiro Marlon Miguel (2015, p. 58) escreve, quando diz que,

Deleuze e Guattari dedicaram diversos textos à Deligny. Deligny trabalhou com Guattari e Jean Oury em La Borde entre 1965 e 1967, onde organizou ateliês de desenho, artesanato e cinema, e fez a edição de três números dos *Cahiers de Fgeri*. Em 1967, Deligny deixa *La Borde* e parte para Cévennes. Ele se instala inicialmente em Gourgas, onde Guattari tinha uma propriedade, e em seguida em Graniers, próximo do vilarejo de Monoblet no departamento do Gard, onde ficaria até sua morte em 1996. Assim, Deligny desde os anos 1960 mantém um contato constante com Guattari. Guattari cita Deligny em *Revolução molecular*; Deleuze em *Crítica e clínica* e em *Diálogos* (com Claire Parnet). Enfim, Deligny intervém de maneira decisiva em *Mil Platôs (Rizoma, platôs 8 e 9)*. Deligny por sua vez dedica alguns textos a Guattari, cita ambos algumas vezes (p.ex. em uma das diversas versões do texto *Camérier*), mas de maneira geral de modo evasivo e ambíguo. Entretanto, na quarta edição do *Cahiers de l’immuable*, que não chegou a ser finalizado e nunca foi editado, Deligny cita *Rizoma* de maneira elogiosa, dizendo que poucos textos haviam explicado de maneira tão precisa sua prática.

Os mapas produzidos por Deligny e sua equipe junto às crianças e jovens autistas foram inspiradores para a elaboração do que chamei de “teoria das linhas” na obra de Deleuze e Guattari (COSTA & AMORIM, 2019), algo que fica bastante explícito em várias passagens de *Mil Platôs* e no capítulo *Políticas*, de *Diálogos* (DELEUZE & PARNET, 1998). Aliás, considero este capítulo fundamental para compreensão do projeto cartográfico deleuzeguattariano, uma vez que somos apresentados às três linhas - linhas duras, flexíveis e de fuga⁶ -, assim como os perigos de cada uma delas. Se em *Rizoma*, a cartografia é apresentada como prática de construção de mapas, é em *Diálogos* que esta operação se mostra mais evidente através de uma apresentação mais elaborada das linhas em suas potências e também perigos. Considero fundamental acompanharmos com

referências diretas e indiretas à cartografia na aproximação com a esquizoanálise e com os processos de subjetivação/ produção de desejo.

[4] Durante 10 anos (1955-1965) Guattari trabalhou como Jean Oury na clínica *La Borde*, situada em um castelo francês em ruínas, e dedicada ao acolhimento de pacientes psicóticos em um trabalho de tempo integral. As experiências de La Borde subsidiaram uma série de ações em prol da antipsiquiatria e da análise institucional. (DOSSE, 2010, p. 56-71).

[5] Fernand Deligny foi um educador francês, que se notabilizou pelo trabalho desenvolvido junto a sujeitos autistas em Cévennes, no sul da França, onde permaneceu por trinta anos (antes

havia trabalhado com Guattari em *La Borde*). Mais do que um “acompanhamento” aos autistas, sua proposta envolvia uma convivência em tempo integral com os mesmos, no que chamou de “modos de vida autísticos”. Guattari, e posteriormente Deleuze, se encantaram com Deligny pelo trabalho de cartografia realizado com as crianças e jovens do local, assim como pelas narrativas produzidas pelo mesmo e sua equipe, muitas destas assumidas pelos filósofos. De modo intuitivo podemos afirmar que, sem o contato com Deligny, suas ideias de cartografia, mapas e linhas não seriam efetivamente possíveis.

atenção a leitura do fragmento abaixo, pela forma límpida como Deleuze sintetiza a questão.

Temos tantas linhas emaranhadas quanto a mão. Somos complicados de modo diferente da mão. O que chamamos por nomes diversos – esquizo-análise, micro-política, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia – não tem outro objeto do que o estudo dessas linhas, em grupos ou indivíduos. (DELEUZE & PARNET, 1998, p.148).

Há dois pontos a serem considerados nesta citação; o primeiro nos diz que somos também constituídos por linhas (assim como os espaços a que nos propusemos a cartografar). As primeiras duas frases do Platô 9. 1933 - *Micropolítica e Segmentaridade* - são bastante assertivas neste sentido: “Somos segmentarizados por todos os lados e direções. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem” (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 83). O segundo ponto a ser considerado nos alerta que a cartografia (colocada ao lado da esquizoanálise, micropolítica, rizomática) é uma leitura dos indivíduos e/ou coletivos a partir das linhas que o compõem, reforçando a necessidade de que, enquanto cartógrafos, estejamos atentos a tais segmentaridades. Estes dois pontos confirmam a hipótese deste ensaio, de que há, sim, um trabalho ético exigido na constituição de uma cartografia, uma vez que cartografar as linhas e estratos envolve também um trabalho de si, uma vez que segmentamos e somos também segmentados por estes mesmos espaços. Em *Diálogos*, este trabalho ético (que não deve ser de modo algum compreendido como um fechamento do sujeito em si mesmo) é também apresentado em seu aspecto político, uma política entendida como o conjunto de relações entre as linhas, algo que se mantém aberto e sujeito às mais diferentes movimentações. Esta diferenciação entre ética e política

se dá mais a título didático do que operacional, uma vez que os dois termos andam juntos em qualquer experimentação cartográfica. Em uma cartografia nada está assegurado a priori, uma vez que as linhas se compõem de modo rizomático, levando-nos a regiões imprevisíveis. De acordo com Deleuze & Parnet (1998, p. 159), “a política é uma experimentação ativa, porque não se sabe de antemão o que vai acontecer com uma linha”. No volume 1 de *Mil Platôs* (DELEUZE & GUATTARI, 1995) o termo cartografia aparece quatro vezes, todas referentes ao platô 1. *Introdução: Rizoma*. Aliás, é à figura do rizoma que a cartografia é aproximada, fazendo sentido o termo “rizomática” atribuído por Deleuze & Parnet (1998, p. 148) na citação recuada que antecede este parágrafo. Ao longo deste platô somos apresentados a seis princípios que compõem o movimento do Rizoma, sendo o 5º e o 6º relacionados diretamente à cartografia.

5º e 6º do Rizoma: Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 21)..

O que Deleuze e Guattari parecem afirmar neste fragmento é que, ao modo do rizoma, a cartografia não opera a partir das noções de centralidade e profundidade, uma vez que sua preocupação não está em localizar causas, finalidades ou motivos primeiros, mas em “agrimensá-los, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 21). Podemos notar que estes dois princípios não dizem respeito a um método propriamente dito, mas a condições para que uma investigação rizomática-cartográfica se dê. Ao abdicarmos de um centro, resta a nós, cartógrafo(s), o exercício de certa lateralidade. Ao modo caranguejo, precisamos conquistar a habilidade de caminhar e olhar para os lados, e não somente “sobrevoar” ou

[6] No referido artigo *Introdução à teoria das linhas para a cartografia* (COSTA & AMORIM, 2020) sustentamos a ideia de que há uma “teoria das linhas” em Deleuze e Guattari, na maneira como apresentam – em livros e passagens diversas – as três modalidades de linhas e seus movimentos no traçado de uma cartografia. Para o estudo das linhas diretamente na obra de Deleuze e Guattari sugiro a leitura do capítulo *Políticas*, presente em *Diálogos*, assim como do platô 9. 1933. *Micropolítica e Segmentaridade*, presente no volume 3 de *Mil Platôs*.

“mergulhar” (imagens que correspondem a modos hegemônicos de investigação, que costumam exigir distância e profundidade diante dos seus objetos de pesquisa). Gosto de pensar na cartografia enquanto uma prospecção inventiva em que a(o) própria(o) cartógrafa(o) se vê convocada(o) a enfrentar as linhas que a(o) constituem e a compor algo (de si) com o território a ser cartografado. Esta composição envolve uma espécie de dentro-fora, onde cartógrafa(o) e território se engendram num mesmo agenciamento de pesquisa, estando o movimento de um diretamente envolvido ao movimento do outro. “Ao cartografar as linhas, ou entre-as-linhas, o pesquisador-cartógrafo acaba inevitavelmente emprestando suas próprias linhas a sua pesquisa-composição, ambos comprometidos à dispersão” (COSTA & AMORIM, 2020, p. 916).

A escrita da cartografia como ética

É de comum acordo o lugar que a escrita e a literatura assumem na obra de Deleuze e Guattari, e isto não é diferente nas duas obras de 1977 assumidas neste ensaio. O interessante é que dois anos antes, em 1975, Deleuze e Guattari publicam *Kafka: por uma literatura menor*, livro dedicado à temática da literatura em sua dimensão ético-política. Já em *Diálogos* há um capítulo inteiro dedicado ao tema, intitulado *Da superioridade da literatura anglo-americana*. Ainda que o título possa parecer estranho (principalmente pela crítica que fazemos aos modos de vida da sociedade estadunidense), ele faz muito sentido quando compreendemos o combate a que se propõe a traçar, algo que fica evidente já no primeiro parágrafo:

Os franceses não sabem bem o que é isso. É claro que eles fogem como todo mundo, mas eles pensam que fugir é sair do mundo, místico ou arte, ou então alguma coisa covarde, porque se escapa dos engajamentos e das responsabilidades. Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano (...) A literatura anglo-americana apresenta continuamente rupturas, personagens que criam sua linha de fuga, que criam por linha de fuga. (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 49).

Se, com Deligny, o conceito de linha de fuga ganha corpo, é na leitura de escritoras e escritores ingleses e americanos que Deleuze e Guattari encontram eco para pensá-lo na escrita e literatura. Ao longo do *Diálogos*, e também de *Mil Platôs*, várias são as referências a Melville, Virginia Woolf, Whitman, Lawrence, Fitzgerald, Miller, Kerouac, dentre outros. Quando Deleuze (1998, p. 49) escreve que “Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia”, ele está justamente fazendo menção à maneira como a literatura americana lida com as linhas de fuga - não tentando ressignificá-las, atribuindo-lhes um sentido, como entende ser o caso da literatura francesa até então -, mas compreendendo-as como necessárias para que a própria vida possa colocar-se em fuga em relação ao que a aprisiona e a limita. Escrever com estas linhas aproxima-se, então, de uma operação clínica, maneira pela qual podemos afirmar que a escrita de uma cartografia é também um exercício clínico. Em 1993 Deleuze escreve *Crítica e Clínica*, um livro precioso a quem porventura se interesse pelo lugar da escrita no traçado de uma cartografia. O primeiro capítulo *A literatura e a vida* (DELEUZE, 1997, p.11-16) é muito elucidador neste sentido, assim como o capítulo 8. *Whitman* (DELEUZE, 1997, p. 67-72). Já o capítulo 9. *O que as crianças dizem* (DELEUZE, 1997, p. 73-79) é dedicado a Deligny e aos mapas traçados com as crianças

autistas. Trago aqui um fragmento do *Platô 8. Três novelas ou “o que se passou?”*, onde Deleuze e Guattari retomam a questão do sujeito como efeito destas linhas, e da importância da escrita na constituição de uma cartografia.

Pois somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio; linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas. (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p.66).

Esta citação nos dá uma pista grande acerca do lugar da escrita em nossas cartografias, de que traçar uma cartografia envolve necessariamente um traçado de escrita, um gesto de fuga diante de determinações impostas por manuais das ciências maiores. Assim como a(o)s escritora(e)s, precisamos, enquanto cartógrafo(a)s, não só assumir os riscos, como fazer destes riscos matéria para nossas escritas. No caso das cartografias acadêmicas, há sempre o temor de não sermos “científicos” ou suficientemente “claros”. Trago aqui a provocação que Deleuze e Guattari (1997) nos fazem no *Platô 14. 1440 – O liso e o estriado*, quando trazem as ideias de ciência maior e ciência menor, termos que não devem ser colocados como contraditórios, uma vez que trabalham em mútuo movimento, mesmo que assim não considerem. Enquanto a ciência maior estaria voltada a domar, sobrecodificar e metrificar o espaço (tornando-o identificável a partir de uma ideia de “clareza”), a ciência menor (também chamada pelos filósofos de ciência nômade) ocuparia o lugar da expansão, da propagação, da refração e renovação deste impulso. O que Deleuze e Guattari nos mostram é que, sem um meio de propagação – garantido pelo movimento da ciência maior -, não haveria nem como falarmos em propagação. De outra forma, sem a insistente fuga às metrificações e ao que não se deixa dominar, não haveria ciência maior, dado que, uma

vez metrificado e domado, o espaço não responderia mais a qualquer variação ou mudança. O mesmo valeria para a ciência menor, que nada seria se não afrontasse às exigências de uma ciência maior, se não passasse de algum modo por esta. Em se tratando da cartografia, ao apostar no processo e na força do encontro com suas linhas, percebemos o quanto este movimento se mostra presente no ato de investigação, uma vez que apostar em um olhar e em intervenções nômades não implica a recusa de instrumentos provenientes das ciências maiores. No entanto, alguns dilemas às/aos pesquisadora(e)s cartógrafo(a)s se mostram comumente presentes, tendo em vista que “clareza” e “objetividade” costumam ser valores presentes em parte das práticas investigativas, regulando, inclusive, editais de fomento e normativas para publicação em periódicos científicos mais “qualificados”⁷. Ainda que busquemos clareza e objetividade em nossas cartografias, costuma ficar a sensação de que não estamos sendo suficientemente claros, de que nossas cartografias costumam falar mais de nós do que do suposto objeto de pesquisa. Estas são preocupações que costumo escutar enquanto orientador e avaliador, questões que me levam agora a problematizar o aspecto metodológico da cartografia, a partir das contribuições brasileiras dos últimos trinta anos.

A cartografia como metodologia de pesquisa

Ainda que em nenhum momento de sua obra Deleuze e Guattari tenham se referido à cartografia enquanto metodologia de pesquisa, alguns pesquisadores, sobretudo brasileira(o)s, têm se dedicado a isto há mais de trinta anos. Temos como marco brasileiro e latino-americano a publicação de *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, escrito por Suely Rolnik⁸, fruto de sua tese de doutorado defendida em 1987. Quando atribuo a palavra

[7] Refiro-me ao Sistema Qualis, utilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que vem se apresentando insuficiente para lidar com a diversidade de práticas investigativas presentes nas universidades de nosso país, criando verdadeiros obstáculos a pesquisadora(e)s e grupos de pesquisa que se enveredam a práticas menores de investigação.

[8] No que diz respeito à receptividade do pensamento deleuzeguattariano no Brasil, devemos muito à figura da filósofa, curadora e esquizoanalista Suely Rolnik que, após um período de exílio na França (onde conheceu Deleuze e Guattari), retorna ao país difundindo o pensamento dos

dois filósofos. Fez parte do primeiro grupo de tradutora(e)s de Deleuze e Guattari, responsável pela criação do Núcleo de Estudos da Subjetividade, vinculado à PUC-SP, de onde faz parte ainda hoje como docente e pesquisadora.

“marco” a esta obra, não estou exagerando. Um ano após, em 1986, Suely havia publicado, com Guattari, *Micropolíticas: cartografias do desejo*, um livro que se propunha a cartografar os processos de subjetivação e de produção desejante emergentes na década de 80, a partir da teoria esquizoanalítica ainda muito recente e em construção. No entanto, é em *Cartografia Sentimental* que o conceito de cartografia se mostra mais evidente, assumido com clareza e a partir de uma escrita bastante sedutora. Logo na nota de abertura, intitulada *Cartografia: uma definição provisória*, há uma tentativa de esclarecimento do conceito:

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. (ROLNIK, 1986, p. 23).

A continuidade desta nota de abertura traz uma série de elementos que serviram e servem de pistas a uma tentativa de método cartográfico. Mesmo que o livro não faça abertamente menção a um método, há indicadores de alguns caminhos e preocupações a serem tomadas quando se pretende empreender uma cartografia. Para cartografar a produção do desejo na contemporaneidade dos anos 80, Suely cria a figura do cartógrafo, espécie de personagem conceitual que a ajuda na escrita de sua cartografia. O sétimo capítulo, *O cartógrafo*, é tão ou mais importante que a nota de abertura, uma vez que a ele são atribuídos uma série de preceitos em uma espécie de paisagem ético-metodológica. Neste capítulo,

várias são as frases postas em negrito, que funcionam como slogans cartográficos, instigando-nos e também encorajando-nos às nossas próprias cartografias. Trago alguns destes fragmentos para que possamos ter uma ideia do tom assertivo com o qual somos apresentados à figura do cartógrafo: “A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias de formação do desejo no campo social” (ROLNIK, 1986, p. 65); “(...) para ele, teoria é sempre cartografia” (ROLNIK, 1986, p. 65); “O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado” (ROLNIK, 1986, p. 65); “ele aceita a vida e se entrega. De corpo-e-língua” (ROLNIK, 1986, p. 66); “ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado” (ROLNIK, 1986, p. 66); “o que define, portanto, o perfil de um cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade” (ROLNIK, 1986, p. 66). O capítulo é dividido em três seções: I. *Manual do Cartógrafo*; II. *O cartógrafo político*; III. *A ética do cartógrafo*, circunscrevendo os contornos ético-políticos da figura do pesquisador em meio a sua cartografia. Aliás, é esta terceira seção que me inspirou à escrita deste ensaio, levando-me a pensar que, para além (ou aquém) de um trabalho metodológico, a cartografia aponta para uma experiência ética. Publicado nove anos após *Diálogos e Rizoma*, este livro de Suely Rolnik parece trazer, com sobriedade, as provocações cartográficas de Deleuze e Guattari, situando-as num contexto latino-americano, o que para nós, pesquisadora(e)s brasileira(o)s, foi fundamental.

Retornando à seção 3, trago alguns apontamentos que me parecem preciosos para pensarmos o que seria uma “ética cartográfica”. Em primeiro lugar, Rolnik (1986, p. 70-72) dirá que, em uma cartografia, a análise do desejo (seja este social ou mesmo individual) é sempre de uma ordem ética. Ao invés de sustentar valores socialmente pré-concebidos, cabe ao cartógrafo (também chamado de psicólogo

social, esquizoanalista ou analista do desejo) sustentar a vida em seu processo de expansão, sendo ao mesmo tempo suporte para que isto aconteça. Trata-se de suportar as produções do desejo nos territórios por onde traça sua cartografia, ao mesmo tempo sendo superfície para que estas produções desejantes ocorram. É por isto que faz sentido o que havia colocado no início deste ensaio, de que cartografamos em prol das linhas de fuga e das forças ainda não conformadas às formas. *O que desejam os sujeitos, os grupos e os espaços com os quais trabalhamos em nossas cartografias? E o que nós desejamos nesta rede de desejos? Como estes desejos são produzidos e por quais circuitos de poder eles são barrados?* Estas perguntas, construídas na leitura que fiz desta seção, parecem ser questionamentos éticos com os quais teremos que inevitavelmente lidar e enfrentar. Suas respostas nos oferecerão, não retratos fiéis dos territórios, grupos ou sujeitos, mas mapas sempre provisórios e circunstanciais, sujeitos às paisagens sócio-econômicas-culturais e afetivas de cada tempo e espaço.

De toda forma, apesar de todas estas preciosidades cartográficas apresentadas por Rolnik, ainda não tínhamos no Brasil alinhamento metodológico capaz de colocar nossas investigações cartográficas no escopo das metodologias reconhecidas pela comunidade científica que gerencia os editais e comitês de ética. Foi preciso que, em 2003, Tania Galli (a quem faço uma dedicatória no início deste ensaio) organizasse, juntamente com Patrícia Kirst, o livro *Cartografias e devires: a construção do presente* (FONSECA & KIRST, 2003), com a presença de várias pesquisadoras(es) envolvida(s) na problematização da cartografia enquanto produção de conhecimento e na relação entre diversas áreas do saber.

No entanto, será em 2009, com a publicação de *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*

(PASSOS; KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009), que a cartografia efetivamente ocupará um lugar no escopo das metodologias ligadas às ciências humanas e da saúde. O livro, que se tornou um verdadeiro manual cartográfico, é composto por oito pistas assinadas por pesquisadora(s) diversos. Logo na pista 1, *A cartografia como método de pesquisa intervenção*, Passos & Barros (2009, p.17-31) propõem à cartografia uma espécie de inversão, colocando-a ao lado de um *hódos-metá*, ao invés de um *metá-hódos*. O que está em jogo nesta inversão metodológica é a necessidade da(o) cartógrafa(o) traçar/caminhar (*hódos*) para que os objetivos (*metá*) possam ser evocados. “Das pistas do método cartográfico queremos, neste texto, discutir a inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa é invenção” (BARROS & PASSOS, 2009, p. 17). Uma das questões importantes apresentadas pelo livro, e por este texto em questão, é a colocação da cartografia no escopo da pesquisa-intervenção, uma composição a meu ver bastante feliz, dado o lugar já constituído da pesquisa-intervenção no universo das práticas metodológicas. No entanto, o que a cartografia propõe é um outro tipo de intervenção, uma vez que

[...] a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de co-emergência (...). A cartografia como método de pesquisa é o traçado deste plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento) do próprio percurso de investigação. (PASSOS & BARROS, 2009, p. 17-18)..

A premissa de um *hódos-metá* não somente impõe desafios metodológicos à cartografia (na condição de uma pesquisa-intervenção), como também redireciona o próprio sentido de intervenção. É neste sentido que Passos & Barros (2009, p. 18), amparados na leitura que

[9] Os artigos que compõem o livro foram publicados um ano antes na *Fractal*, periódico científico ligado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF, vol. 25, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/issue/view/v25n2>. Acesso: 5 fev; 2021.

fazem do institucionalista René Lourau, irão propor a ideia de uma “intervenção como método”, indicada em um trabalho de análise das implicações de todos os sujeitos e coletivos que integram o campo das intervenções, implicações capazes de movimentar os mais diferentes desejos, neste trânsito entre o individual e o coletivo.

Em 2014 foi publicado *Pistas do método da cartografia II: a experiência da pesquisa e o plano comum* (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014), dando continuidade às proposições contidas no livro anterior⁹. Se, no volume 1, as oito pistas apresentadas diziam mais da tentativa de circunscrição de um campo epistemológico, é no volume 2 que encontramos pistas relativas à experiência de intervenção propriamente dita. Ao longo do livro nos deparamos com pistas ligadas à formação, à confiança, à entrevista, ao trabalho quanti-quali, à validação dos dados, à análise, dentre outras. Na apresentação de Passos, Kastrup e Tedesco (2014, p. 9), somos alertados de que “o método cartográfico não se define pelos procedimentos que adota, mas é uma atividade orientada por uma diretriz de natureza não propriamente epistemológica, mas ético-estético-política”. Esta afirmativa vai ao encontro da provocação lançada neste ensaio, de que “a cartografia parece ser mais uma ética do que uma metodologia propriamente dita”, uma posição ética que não se reduz a um nome ou categoria “cartográfica”. O que tento sustentar aqui é a necessidade de um vínculo mais estreito entre o que entendo por “ética cartográfica” e essa forma metodológica chamada “cartografia”. Em outras palavras, penso ser fundamental a uma pesquisa que se diz cartográfica, a análise de como se relaciona ou não com os pressupostos de uma ética cartográfica ligada à produção e obstrução do desejo, do acolhimento às linhas de fuga, do respeito ao processo de constituição e assim por diante. Penso, inclusive, que uma ética cartográfica pode levar, inclusive, a modalidades de pesquisa não necessariamente cartográficas,

mas que acolham em seus movimentos os preceitos acima citados. Este é o caso apresentado por Passos, Kastrup & Tedesco (2014, p. 9), quando dizem que “o método da cartografia é compatível e compõe com diferentes técnicas, estratégias e dispositivos de pesquisas existentes” (PASSOS, KASTRUP & TEDESCO, 2014, p. 9).

Além das obras citadas nesta seção, muitas outras têm se dedicado ao tema da cartografia, seja problematizando-a conceitualmente, seja mostrando suas possibilidades em termos de investigações e em diferentes áreas do saber. De toda forma, pela leitura que tenho feito das mesmas, a questão de ser ou não um método continua em suspenso. Talvez esta não seja uma boa pergunta, uma vez que, em uma ética cartográfica, interessa-nos menos o domínio do ser, do estado das coisas, e mais a do vir-a-ser, suas potencialidades em termos de afetação e transformação.

Por uma ética cartográfica em nossas pesquisas

Retomo um pouco da discussão sobre ética apresentada no início deste ensaio, na tentativa de pensar o que poderia ser uma ética cartográfica no contexto de nossas pesquisas. Quando trouxe os três pontos que me parecem fundamentais na compreensão de uma ética deleuzeguattariana¹⁰, assim o fiz na tentativa de tornar mais evidente o lugar ocupado pela criação neste processo de habitação e abandono de mundos. Se, conforme Deleuze e Guattari, traçamos nossas cartografias em prol das linhas de fuga, é importante que estejamos atenta(o)s aos movimentos de todas as linhas, com um pouco de *coragem* diante do que vem (na sua intensidade, tempo e forma), um pouco de *prudência* (para que as linhas de fuga não se tornem linhas de destruição) e um tanto de *sensibilidade* (para que consigamos acessar um pouco das múltiplas coisas que nos atravessam ao longo de todo percurso de uma pesquisa). Finalizo

[10] 1) não é algo dado a priori, e não deve ser confundido com valores, normas, códigos ou moral; 2) envolve-se com práticas de liberdade, das possibilidades de relação com e no mundo; 3) não é um lugar de chegada a ser ocupado (morada do ser), mas uma fev. disposição ao abandono (lugar de onde se parte).

este ensaio com um dos meus slogans preferidos de Mil Platôs, em que Deleuze e Guattari (1996, p. 76) nos convocam a agir em prol de uma ética cartográfica, não importando ao certo se o que estamos fazendo é ou não é uma cartografia. “Devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida”.

Um apêndice:

Finalizo este ensaio trazendo uma produção coletiva gerada na conversa que fiz sobre cartografia no evento *Deleuze: Modos de Usar*. Durante minha apresentação, realizada de modo virtual, fui convocando a(o)s participantes a pensarem em palavras e imagens evocadas a partir da ideia de cartografia. A proposta era a de que enviassem estas palavras e imagens para um e-mail, de modo que pudéssemos compor um poema às cegas com as mesmas. Durante o encontro recebemos 36 e-mails, sendo o resultado lido por mim, Vitória Oliveira Bastos e Renata Azevedo, às quais agradeço novamente. Agradeço também a toda(o)s participantes-autora(e)s que embarcaram nesta produção coletiva, oferecendo uma paisagem estética ao plano epistemológico-conceitual que, em minha fala, tentava apresentar.

A cartografia tal como nós a vemos

Poema coletivo¹¹

Mapa dos afetos, fluxos, caminhos,

percursos que nos fazem trilhar e ocupar diferentes territórios

Cartografia remete-me Mapas Astrais

Mapeamento

Cartografia é um grande quebra-cabeças onde não sabemos a imagem que pode vir a ser.

Terra e corpo

Afeto, escrita e loucura

Quando penso em cartografia me vem à mente um território fluido; composições.

Quando escuto a palavra "cartografia", já me vem na memória duas palavras:

Caminho....Mapa

Topologia de planos e linhas compostos, sobrepostos e atravessados.

Traços

Trajeto

Sem começo nem fim

Meio de pesquisa (meio = jeito = entre)

Afetos

Cartografia do corpo humano

que Viagem! Rio Grande - Pelotas - Rio Grande

INACABADO, possibilidade de sempre surgir/ressurgir/multiplicar tornar possível.

Será POSSÍVEL?

Encontros, a cartografia como um meio de criar territórios, enxergar esses territórios

Mapas, desejos, afectos e perceptos.

Penso em forças, potências, movimentos que agenciam os processos de vida.

Penso em se colocar neste movimento: o cartógrafo só cartografa ao estar de corpo inteiro imerso no que se pesquisa.

Narrativa. Fluidez. Andanças. Liberdade de pesquisa e escrita. Escape, Rizoma!

[11] A leitura deste poema pode ser conferida ao final do vídeo, após transcorrida 1h30min. <https://www.facebook.com/101019808325084/videos/1213882688967107/s/1213882688967107/>

[11] A leitura deste poema pode ser conferida ao final do vídeo, após transcorrida 1h30min. <https://www.facebook.com/101019808325084/videos/1213882688967107/s/1213882688967107/>

Imagino um mapa, como no tempo das grandes navegações, um navio com desbravadores, com um caderno, varrendo os territórios e registrando o que vai experimentando.

O que faz de uma cartografia uma cartografia é o caminhar na corda bamba daquilo que nos toca e nos fere

A gente treme treme feito vara verde

Uns de fome, uns de sede, outros de mal-estar

Inconstância

Território

A terra treme

Organograma

Mapas e redes

Mapa

Mapas

Memória e mapa

Mapa, de novo!

Um gengibre

Narrativas.... Fluidez...

Mapa com vários roteiros

Rizoma

Mapas, rede, narrativas, fluidez...

Me vem a imagem de um gengibre, porque é um tipo de rizoma que vejo seguido. E um mapa também.

Literalmente, medusas brancas no mar azul.

um mapa móvel, que varia rizomaticamente...

Vejo um ponto que percorre um plano e segue desenhando o mapa...

A cartografia é um desenho, um mapa, uma imagem.

Tornada palavra, tenta dar conta de apresentar, exibir, fazer ver um território percorrido em suas forças, e não em suas estases. Percorrido com o corpo, com os pés no chão, palmilhado, revirando o solo percorrido. Percorrido com os olhos desfeitos do registro ótico. Percorrido com os dedos, as mãos no papel.

Um mapa vivo, feito a muitas mãos.

tropicália

Coletivo

Imagens/rastros do deslocamento

é através das palavras, entre as palavras

que se vê e se ouve

a imagem que me vem é de um gengibre, acho que pelos rizomas.

mas afinal o que isso faz funcionar?

o que isso faz dizer e falar?

Deligny mora na floresta;

os educadores que acompanham o projeto

não sabem bem o que fazer (como trabalhar) com os autistas.

Deligny sugere cartografar, fazer mapas

dos trajetos realizados pelos autistas na floresta

Os educadores começam, então, a desenhar mapas.

As crianças autistas caminham nas florestas e os educadores

desenham mapas desses passeios.

Cartografar é alçar voo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mariana T. Um corpo que experimenta e avalia: a ética em Deleuze à luz da “Grande Identidade” Spinoza-Nietzsche. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, nº 141, Dez./2018, p. 867-890. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/kr/v59n141/0100-512X-kr-59-141-0867.pdf>. Acesso em 13 fev. 2020.

COSTA, Luciano B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV** - Santa Maria - vol. 7, n.2, mai./ago.2014, p. 66-77. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/revislav/article/view/15111>. Acesso 15 set. 2020.

_____. O Ritorno em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. **II Seminário Nacional de Filosofia e Educação** - SENAFE, Santa Maria, UFSM, 2006. Disponível em: <https://docplayer.com.br/36815178-O-ritorno-em-deleuze-guattari-e-as-tres-eticas-possiveis.html>. Acesso 05 jan. 2020.

COSTA, Luciano B. AMORIM, Alexandre S. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v.14, n.3, p.912-933, set./dez. 2019. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045/4450>. Acesso 5 jan. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, p. 1997.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.3. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.5. São Paul: Editora 34, 1997.

_____. **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari**: biografia cruzada. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FONSECA, Tania G. KIRST, Patrícia. **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2011.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Cartographies schizoanalytiques**. Paris: Galilée, 1989.

_____. **O inconsciente maquínico**: ensaios de esquizo-análise. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HESS, Remi. Georges Lapassade (1924-2008), nosso mestre, nosso amigo. **Mnemosine**, Vol.4, nº2, p. 243-267. Disponível em:

https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/download/41455/pdf_141. Acesso 13 fev. 2020.

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência – 1º quadrimestre de 2015 – Vol. 8 – nº 1. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/download/26803/14898>. Acesso 19 fev. 2020.

PASSOS, Eduardo. BARROS, Regina B. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade (vol. 1). Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade (vol. 1). Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. TEDESCO, Silvia (orgs). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2014.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. TEDESCO, Silvia. A experiência cartográfica e a abertura de novas pistas. In:_____ (orgs). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 7-14.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: UFRGS, Editora Sulina, 2011.